

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 RÉIS

ANNO I

REDAÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 4 de Agosto de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 59

EXPEDIENTE

E' nosso agente em toda provincia o sr. F. d'Almeida Garrett.

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIÃO.

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 4 DE AGOSTO DE 1887.

Matriculas

A segunda lei de 28 de Setembro, n. 3270 de 1885 considera livres no artigo 1º § 7º os escravizados que não forem dados á matricula no prazo legal.

Nos termos do artigo 2º do decreto n. 4835 de 1º de Dezembro de 1871—a matricula deve ser feita no municipio em que residirem os escravos.

Consta-nos, entretanto, que escravos residentes ha longos annos n'esta capital, foram dados á matricula em municipio, onde nunca residiram.

Não é só isto. Ainda se diz que escravos, que sempre viveram n'esta capital, em companhia de seus senhores, foram vendidos, e acham-se matriculados, em nome de outros, em municipio onde nunca residiram.

O que pôde resultar de tudo isto? Tão somente, iniciarem, estes ex-escravizados, acções contra seus ex-senhores, para serem n'essa occasião sorprendidos com a noticia de que pertencem a outros e estão matriculados, em municipio onde nunca residiram!...

FOLHETIM

(59)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XVI

A nova senhora de Thomaz, e as suas opiniões

Sobre um banquinho de relva via-se assetado Thomaz, com um ramo de jasmim em cada uma das casas da sua casa, e Eva, rindo ás gargalhadas, occupando-se em suspender-lhe uma grinalda de rosas á roda do pescoço. Feita a operação, empoleirou-se, como um passarinho, sobre os grossos joelhos do preto, continuando a rir.

— Oh! Thomaz! não fazes idéa como estás bonito assim!

Thomaz, com o rosto animado por um placido e benevolente sorriso, parecia tão satisfeito d'este divertimento como a sua propria amasinha. Quando apercebeo seo senhor, abaixou os olhos com ar confuso, e como para se desculpar.

— Como é que a deixa fazer essas loucuras, diz Miss Ophélie.

— E que mal ha n'isso? Pergunta Saint-Clair?

— Não sei; mas parece-me horrivel!

— Não acharia mal que uma creança brincasse e cariciasse um canzarão da Terra-Nova, quando mesmo elle fosse preto; mas uma creatura que pensa, e que sente, uma creatura dotada d'uma

Surge, portanto, uma questão, que não se pôde resolver senão depois de exhibida a prova, isto é, de se discutir se o escravo residio ou não residio onde está matriculado?

Só depois portanto, de razões finas poder-se-á decidir a procedencia, ou improcedencia da acção intentada, sobre o fundamento de nullidade da matricula.

Na hypothese de omissão a prova faz-se incontinente pela exhibição da certidão negativa.

Na de nullidade compre esperar a dilacção probatoria, para serem provados os factos da residencia, em municipio diverso e da permanencia sempre em poder do primitivo senhor, em relação ao que apparece como proprietario e neste caso o deposito do libertando é a primeira providencia a tomar-se porque elle tende a proteger a pessoa do depositado livrando-o de qualquer violencia do senhor, preparatorio sobre cuja legitimidade já não ha mais questão. (Perdigão Malheiros.—A escravidão. vol. 1º § 144).

Chamamos a attenção dos srs. magistrados para estas questões prestes a irromperem na tela judiciaria e sobre tudo para o Supremo Tribunal da Relação a quem os infelizes terão de recorrer, quando não for attendido o seu direito em primeira instancia.

A resistencia que os proprietarios sempre oppuzeram a abolição, narradas pela historia não ha de dar logar somente a estas hypothses.

Outras hão de apparecer, pedindo a attenção dos espiritos esclarecidos para sua elucidacção.

Está chegado o momento de lutar-se sem treços e escrever os ultimos dados que habilitem o historiador, a formular os conceitos do futuro sobre abolicionistas e escravocratas.

Tudo em nosso paiz tende a passar por grandes transformações.

Não ha instituição alguma que tenha conseguido preferencia na estima e dedicacção dos brasileiros.

Clero, monarchia, parlamentos, e partidos, tudo servio á escravidão, opprimindo a Patria.

Pugnar pela liberdade em nome da liberdade sem outro movel a não ser a propria liberdade é o dever de quem condemnando a abstenção civica combate sem partidos em nome do patriotismo.

Não ha agrupamentos partidarios sem nação, fundemos a patria, e as creações da politica virão depois.

Affrontando o odio do paganismo libertemos com resignação e coragem em nome do Christo que pende da parede dos Tribunaes e derramou o seu sangue para remir a humanidade.

almas immortals, isso fal-a horrorisar, minha prima, não é verdade?

Bem conheço os prejuizos da gente do Norte! Não é por virtude que nós não partilhamos esses prejuizos; mas o habito faz em nós o que devia fazer em vós o christianismo: destrõe as repugnancias naturaes. Vi muitas vezes, com admiracção, nas minhas viagens ao Norte, quanto a vossa repugnancia para com os negros é maior do que a nossa. Evitamos, como fariam com um sapo, ou com uma serpente, e ao mesmo tempo sois vós que pregaes contra a sua escravidão, e contra os seus soffrimentos! Não quereis que os maltratam, mas recusaes qualquer communicacção com elles. O que desejarieis e que os mandassem todos para a Africa, com um, ou dous missionarios para os converter, não offuscando mais vossa vista com a sua feia presenca. Não é isto o que pensaes?

— Não deixa de ser um tanto exacto o que dizeis! respondeo Miss Ophélie, com ar pensativo.

— Que fariam os pobres, e os pequenos sem as crianças? diz Saint-Clair, apoiando-se sobre a balustrada, e seguindo com a vista Eva, que se afastava, levando pela mão Thomaz. As crianças são os unicos verdadeiros democratas. Thomaz é um heróe para Eva; as suas historias parecem-lhe maravilhosas, as suas cantigas, e os seus hymnos methodistas valem para ella tanto como a melhor opera; a sua algebeira, cheia de ninharas, é uma mina de diamantes, e elle é o pai Thomaz mais admiravel que jamais pellete preto cobrio.

A criança é uma d'essas rosas do Eden que Deus deixa cair sobre o caminho

O Sr. Visconde de Parnahyba

Ao passo que os jornaes tecem louvores ao sr. visconde de Parnahyba, pondo-o acima de todos os administradores que tem tido esta provincia, elogiando os actos mais insignificantes que elle pratica, nós, os abolicionistas, não estamos satisfeitos com a sua administração, porque ella tem sido funesta para os miseros escravos.

Não tratamos da sua celebrissima decisão, sobre filiação desconhecida, porque para nós, ella não tem a importancia que alguns lhe querem dar.

Ainda não vimos juiz algum decidir questões de direito, com avisos de ministros em resposta á consultas de presidentes.

O que mais sentimos de s. exc. é que tendo libertado os seus escravos com condição de serviços, no entretanto, manda cercar todas as estações da linha ferrea, auctorizando que qualquer vagabundo mande sahir do trem homens de côr que se embarcam para esta capital.

Isso é auctorisar um roubo.

Si o escravo tem o direito de, com suas economias constituir um peculio, si elle pôde dispor desse peculio livremente testando, quem lhe paga o prejuizo que tem esses infelizes, comprando passagens de pntos remotos para esta capital e perdendo-as?

Si não podem os pretos e mulatos, transitar livremente nas linhas ferreas, prohiba-se a venda de bilhetes para os mesmos.

Mas, uma vez vendido o bilhete, impedir que um infeliz siga para o destino que quer, é commetter um roubo, porque essas companhias ferreas ficam com o dinheiro que tanto custa aos infelizes escravos.

H je, ainda quando siquer dizer mal dos abolicionistas, os baptisam como comedores de peculio dos escravos.

Mas, o sr. presidente auctorisa ás companhias ferreas a comerem o peculio dos escravos, engrossando para si e para os outros accionistas, a renda da companhia e, no entretanto, ninguem diz, nem nós mesmos, que s. exc. tambem come peculio de escravos.

Out'ora na Hespanha, quando se prendia qualquer individuo, a primeira cousa que fazião os bealeguins da policia era examinar as algebeiras e mamar os cobres.

Na immortal obra—*Gil Blas de Santilhana*, vem mais de mil casos desses exames policiaes.

Pois bem, hoje quando se prende escravos nessas estações examinam as algebeiras e mamar os cobres.

Que policia boa, meu Deus!

E tudo isto é auctorizado pelo sr. presidente da provincia, cuja administração não se cansa de elogiar os jornaes que se vendem para isso.

No meio de tanto patriotismo, da parte daquelles que querem acabar de vez com o elemento servil, vêm-se misérias desta natureza.

Affiançamos que mais força têm os abolicionistas para impedir a fuga de escravos, do que milhares de bayonetas esparramadas por essas estações.

Se querem pagar serviços politicos a esses delegados de roça, peça o sr. presidente que no orçamento provincial fique consignada uma quantia, com o titulo de verba secreta da policia e então lhes dêem um ordenado.

Mas, querer locupletal-os com o peculio de escravos é uma bandalheira e uma iniquidade.

Dizem, que o delegado de policia de Jundiahy, tem arrecadado immensa quantia com prisão de escravos.

Felizmente, existe um Deus que faz justiça, mesmo neste mundo.

Quantos negociantes de escravos outr'ora tão ricos nesta capital, estão hoje na mais completa miseria.

Poderíamos citar até o nome delles, um por um.

Esse dinheiro que arrancam aos escravos, poderá servir para tudo, menos para a felicidade de quem os vende.

Não estamos satisfeitos, com a administração do sr visconde de Parnahyba, em relação á forma porque está procedendo com os miseros escravos.

Os pseudo-abolicionistas

Ultimamente, muitas têm sido as alforrias condicionaes que na provincia de S. Paulo se ha concedido, o que prova que os senhores de escravos comecam a comprehender a necessidade urgente, ou antes a fatalidade da transformação do trabalho escravo pelo trabalho do homem livre. Comtudo, essas libertações si por um lado parecem

era do melhor gosto e aceio; porque Saint-Clair era d'uma exigencia extrema, quanto ao aceio dos seus criados. O seo serviço na cavalharica era uma verdadeira sinecura, consistindo unicamente em uma inspecção quotidiana, e na direcção d'um moço da estrebaria. Maria Saint-Clair não poderia ter soffrido a prezença d'um homem que cheirasse a estrebaria; porque, segundo ella, o mais leve bafo de mão cheiro bastava para terminar o seo triste papel n'este mundo, e pôr fim para sempre ás suas tribulações terrestres! Por isso Thomaz, com a sua casaca de panno bem escovada, com o seo chapéo de lustro de castor, com as suas botas brilhantes, com a sua roupa branca de neve, e o seo grave e benevolente rosto preto, tinha um ar assás respeitavel para se poder fazer d'elle um Bispo de Carthago, como nos tempos antigos houve alguns da sua côr.

Alem do que, habitava em uma morada deliciosa, vantagem a que os homens da sua côr nunca são indifferentes. Gosava, com uma tranquilla felicidade, dos passaros, das flores, das fontes, da luz e da belleza do vestibulo. Esses cortinados de seda, esses quadros, esses lustres, essas estatuas, e esses dourados, fazião, para elle, d'essas salas um palacio encantado.

Quando a Africa possuir uma raça nobre e cultivada,—e é forçoso que, mais tarde, ou mais cedo, ella represente tambem o seo papel no grande drama da civilização humana, a vida será ali d'uma magnificencia e d'um esplendor, que os povos septentrionaes nunca sonharam.

N'essa mysteriosa e longinquo paiz do ouro, dos diamantes, do marfim, dos ar-

denotar certa generosidade da parte de quem as pratica, por outro revelam uma tal ou qual intenção de fazer figura de abolicionista, apparentemente, que, no nosso fraco entender, prejudica um tanto o merito supposto da acção.

De facto, nesta epocha, libertar um escravo com a condição de prestar-lhe serviços por dois, tres e, ás vezes, quatro ou cinco annos, não é verdadeiramente uma grande acção do senhor, embora á primeira vista pareça o.

Segundo todas as probabilidades, daqui ha poucos, bem poucos annos, todos os escravos da provincia estarão livres. Os fazendeiros que têm escravos devem já ter reconhecido que o regimen da escravidão tende a acabar e ha de forçosamente extinguir-se. Portanto, é uma pura utopia cuidar que esse regimen continuará a manter-se nesta provincia. Além disso, a escravidão é uma das maiores manchas que podem ser nocivas á reputação de que gosa a nobre e altiva S. Paulo e de mancar alguma convém nos que ainda por muito tempo nos possa ser lançada em rosto essa vergonha pungente, motivada por essa instituição immoral e nojenta.

E', pois, duvidoso, ou talvez mais que duvidoso é suspeito o proceder de quem actualmente liberta sob condição os escravos que possui, porque faz crêr que procura meios de os conservar no captivo, ou, o que é quasi o mesmo, prestando serviços, o maior espaço de tempo possivel, pondo-os assim na contingencia de esperar o termo do supplicio, soffrendo os rigores do servidão.

Quem assim faz, não é escravo.

Os pseudo-abolicionistas não são sufficientes os proveitos do trabalho do escravo que o senhor tem tirado ha tanto tempo; é necessario prolongar o mais que se puder a duração desta vergonhosa exploração e ainda assim não será sem immensas saudades, sem enormes sacrificios que os senhores se separarão dos escravos.

Com certeza, quem não tem consciencia, quem só conhece o que é—estomago—, quem não tem escrúpulos nem convicções, quem unicamente se governa pelas leis do interesse, é natural, é logico que não possa vêr com bons olhos o fim de uma tão commoda maneira de viver.

Digam o que disserem, falem embora em direitos adquiridos de qualquer

mas, das plumas de mil côres, das palmas ondeantes, das flores desconhecidas, da fertilidade miraculosa (1) nasceram das novas formas da arte, esplendores inauditos, e a raça negra, emancipada do desprezo, e da oppressão em que jaz, descorinará talvez as ultimas, e as mais sublimes revelações da vida humana!

Brandos e humildes de coração, dispostos a deixarem-se guiar por um genio superior, e a apoiarem-se sobre sua força; ternos e simples como crianças, sempre promptos a perdoar, talvez sejam elles a expressão mais pura da vida christã, intima, e verdadeira! Talvez que Deus, que castiga aquelles a quem ama, faça passar a infeliz Africa pelo cadinho do ensaio, afim de ali fundar esse nobre e poderoso Reino, que estabelecerá, quando todos os outros houverem desconhecido a sua missão;—porque os ultimos serão os primeiros.

Seria isto por ventura o que pensava Maria Saint-Clair, um domingo pela manhã que, esplendidamente vestida, estava na varanda, fechando á roda do seo pulso delicado um bracelete guarnecido de diamantes?

Provavelmente que não. Mas, se não era isso, era outra cousa; porque Maria protegia as instituições uteis, e n'esse momento, carregada de joias, de seda, e de rendas, ia, cheia de devoção ouvir o pregador da moda. Maria tinha contrahido o habito de ter sempre muita devoção ao domingo!

(1) E' esse rico paiz que Portugal possui, em grande parte; mas da que não sabe tirar proveito algum!

(Continúa).

dos opprimidos, para quem bem poucas outras florecem!

— Ao ouvir-vos, meu primo, diz Miss Ophélie, tomar-vos-iam por um *professante!* (1)

— Por um *professante?* pergunta Saint-Clair.

— Sim, por um homem que acredita, e professaria a Religião.

— Não sou nem *professante*, como diz, nem *praticante* tão pouco, o que é peor.

— O que é então que o inspira, para fallar tão bem?

— Nada ha tão facil como fallar; diz Saint-Clair, é Shakspeare, creio eu, que o fez dizer a alguém: Indicarei mais facilmente o bom caminho a vinte pessoas, do que serei eu uma das vinte pessoas dispostas a seguir as minhas indicações. Não ha nada como a divisão do trabalho! O meu forte é de fallar, o seo, minha prima, é de obrar.

Não havia nada na situação actual de Thomaz de que elle tivesse, como se diz, motivo de queixar-se. A amizade que lhe tinha a menina Eva, o reconhecimento instinctivo da sua bella e terna natureza, a tinham determinado a pedir a seu pai que permitisse que elle a acompanhasse, cada vez que sahisse a passeio, e que fosse elle só que a servisse em tudo de que precisasse de um escravo.

Por consequencia, Thomaz havia recebido ordem de deixar tudo, para acompanhar Miss Eva nos seus passeios, quer a pé, quer a cavallo, e nossos leitores podem facilmente imaginar quanto essa obrigação lhe era agradavel. O seu traje

(1) «Professante» é o que professa abertamente, e publicamente a fé d'uma Egreja qualquer.

maneira, o que é certo é que, si o senhor tem direito sobre o escravo por tel-o herdado ou recebido de presente, o caso é que não menos direito tem o escravo de gosar a liberdade, de que o privaram pelo direito brutal da força, visto que o homem, como o disse o grande poeta allemão Schiller, nasceu livre e portanto livre é. e—acrescentaremos nós—ninguem tem direito de escravizar-o, porque a ninguém pôde ser dado esse direito.

O calculo de quem liberta condicionalmente seus escravos, não pôde ser outro senão este:—o escravo já de natureza é estúpido, porque lhe faltaram na infancia todos os meios de adquirir qualquer noção da civilisação, e criado na servidão e acostumado a trabalhar todos os dias á força de *ba-calhai*, perde todo ou quasi todo o brio, torna-se um ente meio homem meio selvagem, incapaz de fazer um raciocinio seguro e dar-se ha por bem satisfeito com a promessa de recuperar a liberdade dentro de alguns annos, depois de ter servido ás vezes durante uns trinta ou quarenta sem recompensa alguma, a não ser o competente chicote.

Quem procede assim, quem diz libertar seus escravos para exploral-os o mais possivel, e deste modo especular com a boa fé delles, terá um procedimento que será tudo, menos honesto.

Portanto, quem quizer dar provas do verdadeiro abolicionista, liberte gratuitamente e sem onus algum seus escravos, que merecerá justos encomios e patenteará sua generosidade—seja de coração, ou seja para fazer figura. Mas libertar escravos que ainda vão servir por tres ou quatro annos, não é ser abolicionista, é antes ser escravocrata esperto, como já dissemos, que prevenido o proximo fim da escravatura, trata de salvaguardar seus interesses e aproveitar-se dos serviços dos seus escravos, emquanto pôde e, ao mesmo tempo, d'uma cajadada matando dous coelhos, apparentar generosidade e grandeza d'alma.

E muita gente que procede assim, recebe da imprensa pomposos elogios!

alistano
lucion
mos nas col
um estylo inproprio,
riam, que da *Redempção*, redigida per quem é, não se poderia, esperar outra cousa.

Porem o *Correio Paulistano*, organo do governo, redigido pelas summiidades do partido conservador e cujos artigos antes de ir para o typographo são lidos pelo sr. Visconde de Parnahyba, vem escripto no numero de domingo com uma linguagem tão provocadora e tão cheia de ameaças e desaforos, que fez pasmar a nós, que não escolhemos termos quando temos de fallar de qual quer capitão do matto.

Eis o que escreve:
«Não carecemos de espingardas a Comblain para livrar-nos do incommodo ladrar de podengos encontrados a beira do caminho.

Calçamos botins inglezes de sola grossa e, mercê de Deos, temos na perna musculatura e força sobejas para alcançar na fugida, e em lugar competente, aquellos que abusarem da nossa paciência»

Ora, quem pode tolerar uma discussão neste terreno?

Pois então, porque o *Correio Paulistano* dispõe da força publica, de toda a policia, tem o direito de insultar outros collegas por que analysam os actos do governo?

Porventura os outros não poderão também comprar sapatos de sola ingleza e esfregar tutano de boi nas pernas para reforçar a musculatura e dar pontapés em quem quer que seja?

Quando a folha do governo nos dá esse triste exemplo de forma de discutir, qual não deverá ser o procedimento de nós outros que não tendo uma auctoridade superior para guiar-nos somos levados pelo impulso de nossas paixões?

Out'ora eram os jornaes da opposição que usavam da linguagem desabrida, hoje, porem é a folha do governo que insulta os outros jornaes porque fazem opposição ao Presidente.

Parece que estamos sob o dominio de uma familia que quer reduzir todos a seus escravos.

Nós que tratamos da liberdade dos escravos não podemos tolerar que exis-

tam senhores para aquelles que sempre foram livres.

E' preciso que o Conselheiro Prado, fazen o papel de Neptuno, de aquelle bufo que vem no Virgilio *Quos ego* . . .

O progresso nacional

Um povo nobre será sempre nobremente governado; um povo ignorante e corrompido sel-o-á sempre ignobilmente.

SMILES.

O naufragio do vapor «Apa» veio mais uma vez revelar evidentemente a ruina moral deste paiz, pelo orgam do governo imperial.

A classe dos senhores de escravos tem sido o nosso alvo de ataque, porque é inconte-tavel que a usurpação da pessoa e do trabalho de seu semelhante é um attentado que exige tremenda e severa reparação.

Entretanto muitos senhores tem mantido a instituição, forçados ao meio em que tem vivido, á escassez de braços livres, e dotados de nobres sentimentos, não só tratam humanitaria e reconhecidoamente os seus escravos, nos quaes reconhecem a origem de sua riqueza, felicidade e bem estar, como também, logo que começaram a apparecer braços livres, trataram de liberal-tal os condicional ou incondicionalmente, conforme os meios de que podiam dispôr na occasião.

Vê-se, pois, que a classe que deveria ser a mais corrompida do paiz, por causa da exploração do elemento servil, contem em seu seio bondosas excepções, excepções que resolvem por si os seus interesses, confiados ao governo, pela falta de criterio deste.

Ao passo que isso se observa na classe menos instruida do povo, que exemplos nos dá o governo?

Os mais indignos do caracter e da especie humana.

O vapor «Apa» naufragou em frente á barra do Rio Grande. Cento e vinte eram as vidas que precisavam de soccorro.

O governo geral e o seu delegado tiveram sciencia do sinistro.

O que fizeram?
O facto, e só lembrando os destroços do vapor interessando a salvação das vidas!

Para apanhar os destroços, 15 dias depois do sinistro, o governo mandou soccorro, e então se verificou que muitos passageiros escaparam ao naufragio, e que dias depois de andarem aos azares das ondas e dos monstros marinhos, pereceram á fome.

Si o governo e as auctoridades deste maldadado paiz reflectissem um vislumbre de humanidade e de cumprimento de dever, esses naufragos teriam sido salvos, e então, quantas lagrimas não se teriam enxugado, quantas alegrias não teriam suavizado a vida de tantas familias, e quantas vidas não teria o estado poupado para collaborarem no desenvolvimento desta tão infeliz e despoitada patria!

Si os senhores de escravos merecem o stigma de condemnação social, o que deve merecer o governo do paiz, pelo seu procedimento neste naufragio?

Parece-nos que merece ou a pena de Talião, ou a deportação para a China, como presente especial, visto ter aquella nação excesso de população, tolerando-se até o infanticidio.

Medite, pois, o paiz no bom e generoso governo que o dirige.

O furriel negro

Ainda deve estar na lembrança de todos, a aggressão de que foi victima, o nosso correligionario Antonio dos Santos Cruz, praticada pelo furriel do corpo de permanentes, Americo Cesar.

Não nos consta, porém, que esse individuo fôsse castigado.

Ha mezes, o sr. coronel Canto e Mello, mandou trancar no xadrez do corpo de permanentes, o sargento Arlindo, corneta-mór do corpo, pelo simples facto de não ter ido tocar o seu instrumento em uma guarda de honra que o governo mandára para uma procição do Santissimo.

Qualquer individuo, mesmo dos mais inhabilitados para o serviço militar, sabe que o corneta-mór só é obrigado a tocar, quando são o batalhão.

No entretanto, o furriel Americo, desfardado e armado de um páu, fez

ferimentos no sr. Santos e o sr coronel Canto e Mello não mandou trancar esse furriel no xadrez, como devia ter feito.

Será alguma ordem do sr. Visconde de Parnahyba, mandando que praças do corpo de policia vistam-se á paisana, para dar em abolicionistas?

Si existe ordem desta natureza, avise-m-nos, que é para providenciar-se, como o caso exige.

Em um paiz, em que a auctoridade, em vez de garantir a vida do cidadão, é quem manda ataca-o, é justo que para segurança, o povo se arme.

Quem é esse furriel?
Porque razão é elle tão protegido, ao pontode ferir um cidadão e ficar impune?

Não basta o Antonio Americo, que tem direito de matar um homem, sem ser processado?

E' preciso ainda que a força policial ande offendendo a cidadãos, porque não tem a mesma forma que pensa o governo?

Pois bem!
Si o furriel Americo Cesar não fôr punido, nós havemos de revelar cousas, que hão de dar thema a todos os jornaes da opposição, para escrever mezes e mezes.

Fructos da escravidão

Tinha chegado o dia da boda. Ella, a noiva, estava radiante, n'aquella tez morena, n'aquelles pretos e fulgentes olhos lia-se a intelligencia, a honestidade, a pureza d'aquella alma virginal.....

E o noivo, este estava ufano—ia desposar a joia da aldêa, a filha de uma familia pobre, mas talvez a mais pura d'aquelles retiros..

O pae do noivo que vinha assistir a cerimonia demorava-se; fazia-se tarde; não havia que hesitar; prescindiriam de sua presença.

O cortejo está na capella; o sacerdote revestido das sacras vestes vae lançar a benção sobre os noivos, mas.....

Parem, suspendam! Grita com estridente voz um homem que neste instante acaba de chegar, e, lançando-se sobre o noivo o agarra com ambas as mãos e o empurra para a porta da capella. Desgraçado o que vae fazer, pois, não vês que esta mulher tem sangue preto nas veias! Vae assim manchar o nome da nossa illustre familia!...

Todos calaram-se—era o pae esperando, o abastado fazendeiro cuja impiedade era tão conhecida de todos.

E os noivos? Lancemos um véo sobre seu infeliz futuro cheio de amarguras, sobre este profundo amor que um falso preconceito queria apagar!

De noite, o pae na roda de seus amigos, jogando o trinta e um, exclamava: Sempre conseguí que meu filho não fizesse tamanha asneira. E ria-se com um riso boçal. S. Paulo, Agosto de 1887.

PING...

Doas mortes de uma só vez

Hão de estar lembrados os nossos leitores, que ha tempos, em Rezende, dous miseros escravos cansados de soffrer o rigor do captivo em um acto de desespero mataram ao senhor e foram apresentar-se ao Delegado de Policia e com a maior innocencia e simplicidade do mundo contaram que tinham praticado o crime.

O Delegado de Policia os mandou recolher á prisão para ser instaurado o competente processo.

Alguns fazendeiros reuniram mais de trezentas possos e todo esse povareo com o maior cynismo do mundo cercou a cadêa arrancando os dous miseros escravos e os assassinaram covardemente.

A justiça de Rezende é a mesma para os escravos que a de Itú.

Commettido o assassinato foram todos elles baptisfeitos, para suas casas dormir o somno mais tranquillo do que dorme o selvagem depois que mata o seu semelhante.

Pois bem si a justiça do homem é falha a de Deus não se faz esperar.

Os cabeças d'essa duplo assassinato uns já estão no inferno dando conta ao diabo, outros n'este mundo ja estão penando vendo os bens a desaparecerem e a miseria ameaçando a si e a sua gera-

ção e outros fogem d'aquelle municipio para esquecerem se do horrivel crime que cometeram.

Infelizes e desgraçados pensam que mudando de uma provincia para outra a consciencia tambem se muda?

Está escripto no livro sagrado que o crime do Pae ferirá os descendentes até a quarta geração

O mercador de carne humana o traficante de escravos quando aproveita os lucros do torpe commercio, os filhos na miseria, pagam os crimes de seus paes.

São esses typos maculados com sangue d'esses dous miseros escravos, que hoje espavoridos pelo medo da miseria e pelo remorso do crime procuram estabelecer-se n'esta Provincia!

Debalde mudam de terra, Deus é Deus em toda a parte.

O sangue d'esses infelizes clama vingança e Deus é justo.

A Giovanni Emanuel

A *Redempção*, o mais humilde de todos os jornaes desta provincia pois que representa a classe mais enfeiz de nossa sociedade, cumprimenta o grande artista Giovanni Emanuel, uma das glorias da velha Italia.

Cem mil homens acorrentados, trabalhando de sol a sol, para sustentar o luxo e o egoismo de meia duzia de felizes poderiam hoje levantar hosannas a esse insigne artista se não tivessem sido roubados à sua patria onde nasceram livres, para aqui serem escravos contra todos os principios do direito e da razão.

Se na desgraça si tem momentos lucidos para o riso permitti, artista, que aquellos que vivera com o rosto banhado em pranto, tambem te saudam.

Capitão José Portes de Lima Franco

Ficamos extasiados todas as vezes, que encontramos um homem que enche as nossas medidas.

O capitão José Portes de Lima Franco para nós é um homem digno de respeito.

Trabalhador incançavel da união conservadora, o vimos sempre noite e dia consagrado ao triumpho desse partido. Quando esperava de seus correligionarios recompensa de seus serviços politicos, vin-se preterido no accesso que devia ter, no corpo policial.

Outro qualquer homem, que não fosse o capitão José Portes de Lima Franco, viria ao jornal escrever artigos e mais artigos, mostrando ao publico a injustiça de que foi victima.

Esse honrado cidadão limitou-se apenas a pedir demissão do cargo que occupava e recolheu-se ao silencio

Quem deixará de respeitar um homem como o capitão José Portes de Lima Franco?

Assim procedem os homens de bem, e nessa conta sempre tivemos esse honrado cidadão.

A politica é felicidade de meia duzia e desgosto de milhares.

Ordem Terceira do Carmo

Sabbado, assistimos á penultima novena que os terceiros do Carmo fizeram á sua oraga.

Ficamos extasiados pelo luxo, pela musica e pela grande concurrencia que noramos.

Grande numero de irmãos, revestidos com os seus habitos, assistiam áquelle acto religioso.

No entretanto, uma cousa fizemos reparo, é que alguns membros daquella corporação envergonham-se de vestir os habitos.

Tanto é verdade o nosso acerto que vimos em uma tribuna o honrado dr. Manoel Dutra, que alli exerce o cargo de thesoureiro, o seu irmão e mais alguns outros homens de importancia que podiam honrar aquella ordem terceira, vestindo-se de habitos, como se vestem os pobres.

Si bem que não tenhamos elevada posição social, nesta capital, nunca nos envergonhamos de vestir o habito da confraria de N. S. dos Remedios.

E si por ventura estivessemos collocados nas posições mais eminentes, nunca desprezariamos de vestir os habitos religiosos iguaes aos que vestem ainda os irmãos mais pobres da nossa confraria.

Si o pessoal da ordem terceira não presta, não se compõe de homens de bem, não se deve fazer parte della.

Mas, si ali ha uma aggregação de homens honrados, regidos por um compromisso que os obriga a vestirem habitos, porque rasão os homens de importancia que são membros daquel-

la ordem e são da administração não se sujeitam ao compromisso?!

Pois não compete aos homens formados serem os primeiros a fazer respeitar a lei?!

Haverá por ventura desdouro em um homem, por estar collocado em uma posição social mais elevada do que os outros, vestir os habitos de qualquer corporação religiosa de que faz parte?!

Não tem estas considerações por fim, magoar ao nosso distincto amigo dr. Manoel Dutra Rodrigues, mas unicamente demonstrar que não vem desdouro algum para a sua pessoa e para outros irmãos altamente collocados, o vestir os habitos quer de ordem terceira do Carmo, quer da confraria dos Remedios.

O conselheiro Rodrigo Silva

Não sabemos como demonstrar a inergia, o criterio, a intelligencia e a actividade que tem presido todos os actos praticados pelo honrado ministro da agricultura.

Só o *Diario Mercantil* que tem *dedo de mestre* pode elogiar todos os governos podia com maestria fazer o que desejamos neste momento.

O jornalismo não é para todos e nós temos affirmado mais de uma vez que não passamos de *relaxados rabiscadores* ou, por outra, rabulas da imprensa.

Depois da filiação desconhecida do sr. Parnahyba e das celeberrimas matriculas de Campos, o sr. conselheiro Rodrigo Silva acaba de praticar um acto importante que vae fazer echo na Europa e tem de ser commentado por todos os jornaes tanto nacionaes como estrangeiros; naturalmente os amigos do actual gabinete já telegrapharam, para todas as partes e o nome do sr. conselheiro Rodrigo não é só conhecido pelos politicos e pelo bello sexo mas pelas 5 partes do mundo.

O que foi? dirão os musicos de Pernamantes.

Não foi nada! dirão os mesmos Mas nós afirmamos que foi um acto importante que vae salvar a patria.

S. ex. reduziu a taxa do transporte na Estrada de Ferro de D. Pedro 2º para requieijos e queijos frescos conhecidos sob a denominação de *queijos de Pelopopolis*.

E digam que o Rodrigo não tem genosenão para o bello sexo.

Santo Antonio da Cachoeira

O Delegado de Policia d'esta localidade Joaquim Antonio Gonçalves, acaba de mandar metter na Cadêa o pobre Libano, só por que elle assigna a *Redempção* e vive lendo aos visinhos, ao tempo que elle ordenava a prisão d'este pobre, espedia mandado para ser varejada a casa do cidadão Antonio de Oliveira Pinto, com o fim de pegar negros fugidos, que dis em pertencer a João Baptista Franco; alem do exposto prometteu o mesmo Delegado mandar a Policia passar o chicote e metter na Cadêa todo e qualquer que for amante de livrar os escravizados, sendo o mesmo Delegado dono d'elles que tem em seu sitio. Melhor seria que este celebre Delegado automato, chronica, de todas as situações, analfabeto, e dotado como é d'um bom par de orelhas fosse ver outro meio de pagar os 45 contos ao chinca de Bragança, de que escravisar pessoa livre; estando elle sugando o suor d'esses pobres libertos dando-lhe feijão sem gordura, e casca de boi para sobremeza.

Nazareth

Segundo-nos consta, falleceu em Nazareth, D. Anna de Carvalho, que durante a sua vida, dizia a todos que por sua morte, os seus escravos seriam livres.

Será bom que não deixem assim permanecer no captivo aquelles que ha muito tempo alimentavam a esperança da liberdade, e por isso serviam bem a sua sanhora.

Estamos certos que se essa senhora tivesse feito testamento uma das verbas seria a da libertação total dos seus escravos.

No entretanto somos informados que um dos herdeiros, morador nesta capital e que aqui é um dos nossos auxiliares no abolicionismo, em Nazareth mudou de idéas, levado pela cubiça de possuir escravos.

Julgamos porém que baldado será o seu esforço por quanto o honrado advogado Braga tomou o patrocínio da causa desses infelizes e por certo terá sentença a favor delles.

UNICA NA
PROVINCIA
E sem competidor

Camisaria Especial
RUA DA IMPERATRIZ, 55
S. PAULO

SORTIMENTO
immenso em roupa branca para
homens e meninos
Em preços
NINGUEM PODE COMPETIR

CORRESPONDENCIAS

Campinas 2 de Agosto de 1887

Snr. Redactor

Communico-lhe que aqui varios fazendeiros, entre os quaes o capitão José Bento e Candido Champlorns, projectam por estes dias ir á Santos buscar os escravos que lhes pertencem, levando para esse fim um grande numero de capitães do matto para trazerem os mesmos escravos.

Já tenho escripto para Santos, prevenindo dos projectos desses corsarios.

UM ABOLICIONISTA.

Mogy-Mirim, 1º de Agosto de 1887.

Amigo redactor—Dizem os supersticiosos de casa e as regateiras da rua, que, hoje, primeira segunda-feira de Agosto, é má dia de se começar qualquer serviço. Eu nunca acreditei nisso, sempre fui emancipado, tive sempre o espirito livre; mas, agora, com este rheumatismo que tanto me persegue e me acabrunha, vou me sentindo fraco; tenho já as pernas bambas como as do Marçal, e, quando ando, faço como o Benjamim, dou pulinhos para diante e para traz. Este estado geral de enfraquecimento physico começa de invadir também a alma, hoje já me sinto desanimado, lerdo, *punga*...

Antigamente, no tempo em que o Germano era moço e o Joaquim Malachias fazia serenatas á Ignaciua, eu era mesmo um quebra—creiam-me—dava couce na sombra!! Que bom tempo, caramba! E hoje? hoje está tudo degenerado, estragado, corrupto... Dos meus companheiros de outr'ora só restam o tenente, o Firmino e poucos desses mesmos... coitados! As cardeas, murchas, sem vida. Não é por fallar, dos velhos, sou o mais moço e o mais forte. Comigo acontece uma anomalia que os Esculapios cá da terra não podem explicar. Eu ando doente, estou doente, entretanto, quem me vir na janella, não julgará do meu estado, pois estou gordo, *rochunchudo*, redondo...

Estou bonitote ainda; sou queridinho da Silva Ribeiro. Quanto aos moços, o que se ha de dizer delles? Que são gente? Nem isso! Alguns que procuram apparecer, ahí estão todos *empoadados*, sem espirito nem sal; amarellos como cidra; isto quanto á carne que a terra ha de comer; porque, a alma, essa, está também estragada; são viciados, ignoram os sentimentos que ennobrecem, que elevam o homem. Elles são, a fallar sério, mais atrasados do que eu, que já tenho meus cincoenta carnavaes. Elles, os moços de hoje, arrotam republicanismos, *barrete phrygio*, liberdade, egualdade e fraternidade; tudo isso e mais alguma cousa que elles inventam na occasião; ao passo que, em verdade, elles nada mais são que uns *bilontras* refinados.

Na praça publica são tudo; lá em casa, em casa do papae-fazendeiro, regaçam as mangas, empunham o chicote de tres pernas, mandam que o preto se espiche na escada, ao todo comprimento, de calças ao joelho, nadegas ao sol e... e toca a executar o *realejo do chicote*. Ao som desta *marselheza* de nova especie dão elles, os moços republicanos, arras á liberdade!

Ora venham cá: que papel representam esses taes moços? Felizmente que ha entre elles alguns que constituem a excepção. Eu cá não tenho papas na lingua—mereceu... fogo nelle.

Ainda bem que, apóz minha ultima correspondencia para a *Redempção*, tenho passado melhor do rheumatismo. Já posso, si bem com bastante difficuldade, ir-me arrastando assim a modo de lesma, de challes ao hombro, devagarinho, cá aqui, levanta alli, ergue acolá, até a padaria do Carbone. Lá chegando, ponho-me de um lado a ouvir o que diz a rapaziada, que, seja dito de passagem, é luzidia e destorcida. O Carbone para isso é um quebra—escravocratas, hypocritas, judas... não têm ingresso em casa delle—; alli só entram os *revolucionarios*, os independentes,

A' roda da mesa redonda do Carlinhos discute-se tudo—desde a bancarota do estado até as proesas do João Minhoca. Eu, pezado, gordo, rheumatico como sou, mal posso fazer companhia... de queixo, mais nada. Muita gente julga que eu não desfructo a vida, que unicamente vegeto... Pois estão muito enganados! Eu estou alli, a um canto, quasi esquecido, mais estou sommando tudo. E' dalli, daquelle meu pequeno mundo, que tiro minhas noticias para os leitores da *Redempção*.

A reportagem daquelle rapaziada é admirável; não trabalha só neste districto; suas vistas percorrem até muito longe. Do que ouvi e soube de pessoas particulares, vou tratar nesta carta. Antes disso tinha eu ainda muita cousa a dizer, mas não o digo; já estou sentindo uns arrepios nervosos, que me vão, pouco e pouco, invadindo a alma.

Antes que isso succeda, vou entrar em materia; porém, antes de tudo, de claro aqui alto e em bom som:—tudo quanto eu aqui disser proveo o.

Vamos ao que serve. No Espirito Santo do Pinhal o fazendeiro gago Armando Soares Caiuby descarregou num pobre ingenuo de 12 a 13 annos, nada mais, nada menos, que CENTO E CINCOENTA bacalhoadas Sabemos isto de pessoa fidedigna; não nos soube ella dizer que crime commetteu o molequinho para incorrer nas iras do gago; o que é certo é que o rapazinho entrou naquelle deshumano e brutal castigo. Sabemos que, em S. Simão, o republicano de rotulo—capitão Zeferino Carlos da Silveira, mantém e sustenta no captivo cinco africanos, sem que a auctoridade competente dê por isso. Que lhe sirva esta de aviso, si de facto o ignorar.

Sabemos igualmente que, em S. João da Boa-Vista, o fazendeiro José Jacinuto de paçeria com seu filho Americo, maltratam covardemente e diariamente os seus escravos com vergastadas e palmatoadas; usando ainda da estrategia de dar-lhes bolos nos pés, porque, dizem elles, não os impossibilitam para o serviço.

Como vêm, estas noticias não são daqui—o que prova ser a minha policia bastante activa.

**

Esta já vae bastante extensa, o que é contra a theoria do meu visinho dos relogios. Para não desgostal-o mais, deixo as noticias propriamente daqui para a outra correspondencia.

Até a outra.

PAE THOMAZ FILHO.

Lorena

SNR. REDACTOR

Na secção especial da *Redempção*, na chronica dos annos, V. S. talvez mal informado, diz que o *major Francisco de Assis Oliveira Borges, dellegado, impedio que fosse publicado no jornal da terra uma noticia sobre a prisão do escravo Eugenio pertencente a Alexandrino Marcondes.*

Ora, o *major Oliveira Borges* nem é delegado de policia nem nos consta que por qualquer forma intervisse na publicação da referida noticia.

O sr. Oliveira Borges é fazendeiro, porem, homem de idéas adiantadas e humanitario para com seus escravos, julgando-o por isso incapaz de semelhante acto.

Pedimos-lhe por isso queira rectificar o juizo sobre o sr. Oliveira Borges.

Lorena

OFFICIO MALDITO

Nesta bola que chama-se—mundo—ha velhacos e tratantes graúdos e miúdos que, ou por maldade requintada ou por qualquer motivo menos justo, vivem das lagrimas, dos gemidos de suas victimas, julgando ainda que exercem profissão muito legal e honesta.

Habituaados a essa vida degradante e criminosa, gritam e vociferam contra quem tem a ousadia de cercar-lhes o passo.

O que é mais immoral ainda é haver muito coisinha de gravata lavada, atraz

desse sabugos, instigando-lhes que continuem na vergonhosa senda que trillham.

O trabalho não deshonra a ninguém; pelo contrario, nobilita o homem.

Porque, pois, esses tratantes e velhacos não procuram occupaões honestas?

Porque esses vagabundos, que se denominam—capitães do matto—não se esforçam em obter um meio de vida qualquer, desprezando o nojeito e baixo officio de pegar escravos fugidos?

Pois esses marotos não têm filhos e estes algum dia não poderão pagar bem caro as culpas dos pais?

Além disso, as pragas e as maldições dos pobres escravos, bem pôdem ser ouvidas por Deus, e os ferozes capitães do matto, de algozes se transformam em victimas de sua propria covardia e malvadez.

Oh! desgraçados e malditos perseguidores dos fracos, não vêdes que a cada instante, a vossa vida nojenta poderá ter fim na ponta de uma faca ou no cano de uma pistola?

Com os quinhentos milhões de demónios que povoam o inferno, oh! canalhas de todos os diabos, porque não pegaes no rabo de uma enxada?!

Oh! infames e relaxados capitães do matto, se estaes com fome, ahí bem perto tendes a «Barra-grande» e a «Lagoa do espinho», onde ha muitas tarahiras e saguirús, que bem podem ser devorados até com as tripas.

Para um capitão do matto, deve ser um petisco delicioso. E assim mesmo não querem deixar de ser negreiros; por isso vêm ainda uma manada de caboclos, desavergonhados, exercendo esse triste officio.

Mais triste ainda é o contemplarem se certos negreiros, que de dia gritam contra os abolicionistas e de noite, andam pelas esquinas cercando mulatas e crioulas escravizadas! Sempre e mais barato.

Esses typos mereciam *crystal* de pimenta.

Tanta vergonha é consequencia da escravidão.

No numero seguinte, havemos de fazer nossas contas com um *caboclo* valentão e safado capitão do matto, que foi quem prendeu o desgraçado Eugenio.

Sr. redactor.—E' possuido do mais vivo enthusiasmo que levo ao conhecimento de v. s. o seguinte facto recentemente realizado em Parahybuna, e que constitue prova eloquentissima de quanto tem progredido, maxime moralmente esta pitoresca cidade, de muitos talvez ignorada.

O meu desejo era, pessoalmente, ser portador de tão grata nova a v. s.; tendo, porém, de partir infelizmente amanhã para aquella cidade, peço a v. s. me desculpe fazel-o por meio desta. Eis o facto.

Convictos os fazendeiros e mais habitantes de Parahybuna de que a grande causa do elemento servil só poderá ser consumada pelo povo e não pelo governo, a cujos esforços se deve attribuir a estabilidade de tão grato assumpto reuniram-se a 15 do corrente mez, em n.º superior a 50, em casa do prestimoso cidadão capitão José Porfirio da Silva, para deliberarem qualquer cousa a respeito. Depois de uma prolongada e animada discussão, em que com eloquentes e mui criteriosas palavras se pronunciaram os mais notaveis moradores daquela cidade, como fossem os srs. Innocencio Florentino de Miranda, Antonio da Silva Curiango, José Pereira de Faria e outros, foi accieita e approvada a seguinte proposta apresentada pelo primeiro dos oradores acima:

—Fica creado na cidade de Parahybuna um Club Abolicionista, ao qual poderão pertencer quaesquer individuos de reconhecida moralidade, cujos fins serão regulados pelos estatutos, que, opportunamente se confeccionar.

Eleito immediatamente a directoria, ficou ella assim composta.

Presidente—Major Joaquim Nunes de Brito.

Vice presidente—Antonio da Silva Curiango.

1º Secretario—Tenente José Pereira de Faria.

2º Secretario—Innocencio Florentino de Miranda.

1º Thesoureiro—Capitão José Teixeira Bittencourt.

2º Thesoureiro—Francisco Ferreira de Moura.

Orador—Alferes Antonio Rodrigues da Silva.

1º Procurador—Henrique dos Santos Pires.

2º Procurador—Raymundo Alves Nogueira.

Finda a eleição acima, convidou o sr. capitão Porfirio da Silva as pessoas presentes para um profuso copo d'agua, trocando-se por essa occasião muitos e eloquentes brindes. de entre os quaes destacamos os seguintes: do sr. Innocencio Florentino, congratulando se com a cidade de Parahybuna pela honrosa posição que vem assumir perante a redempção dos captivos; do sr. Augusto da Silva Rico, saudando a nova phase em que ia entrar a productiva lavoura de Parahybuna; do sr. Ezequiel Antonio da Silva, brindando a briosa cidade que vinha de conquistar um nome immorredouro nos annos da civilisação, etc., fechando-se aquella entusiastica festa com o brinde de honra, o qual foi levantado pelo humil de signatario desta missiva ao benemerito dr. Antonio Bento de Souza e Castro, como o iniciador e chefe do abolicionismo paulistano.

No ultimo domingo do mez haverá nova sessão para dar posse á directoria, e discutir-se os estatutos, cuja commissão já foi eleita; o resultado communicar-lhe-i por uma nova carta, a qual, bem como a presente peço um modesto cantinho nas columnas da *Redempção*.

Esperando ter communicado um saudoso acontecimento, a v. s., dignamente aclamado chefe do abolicionismo, tenho a honra de subscrever-me

Camiilo José de Faria Machado.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Em Campinas, faz annos, o Damaso (ora bolla) Xavier da Silva.

Nesta capital, o furriel negro, Americo Cezar

Em Campinas, faz annos, o Antonio Americo.

Nesta capital, o Pernambuco.

Em Campinas, faz annos, o João Murthé.

Nesta capital, o Pancrácio, Furtunato Retratista, o Romão Leornil, ficam todos esperados; fazendo annos, em diversas paragens, o Juca Ortiz e o João Leandro.

Em Jacarehy faz annos, o Ramos Vendido.

Em Guararema, faz annos, o Henrique Banguert, por receber em sua casa capitães do matto

Faz annos, em Guararema, para depois fazer em Parahybuna o José Candelaria, vagabundo e capitão do matto.

O João Paiva, faz annos, em quanto durar o dinheiro que ganhou do Tremembé.

Em Taubaté, fazem annos, os terceiros de S. Francisco, que fazem Via-Sacra na Igreja e disciplinam os escravos a bacalhau.

O barão de Tremembé está esperado, para fazer annos com o Moreirinha, quando determinarmos.

Nas Araras, faz annos o Bento de Paula Souza.

No Espirito Santo do Pinhal, faz annos Manoel Luiz Ribeiro por ter matriculado o liberto Simão, cuja carta se acha registrada em Mogy-mirim.

Faz annos, no mesmo lugar, o fazendeiro Tavares, que vendeu a Manoel Luiz Ribeiro tres ingenuos Marcelino, Zacarias e Guilhermina.

Faz annos no mesmo lugar, Cerino de Paiva Bueno, por ter como escravizados João, Cristina, Margarida e Luciano sendo este de 90 annos!

O Chico do Taboão, faz annos, em Atibaia, só por não entender-se o cartão postal.

Faz annos, em Bragança o Carneiro, por conseguir o que queria, apesar de não pagar os pretinhos do sogro.

Faz annos, no Banharão, ao meio dia em ponto, quer chova quer faça sol, o comendador Tonico Elyzeu, por ter ha tempos dois escravos a piados e tendo

morrido um ficou assim mesmo em ferros com o outro vivo.

Faz annos no mesmo Banharão o chefe republicano Cerqueira por tratar *tão bem* os miseros escravos ao ponto de um irmão e socio quixar-se disso estrada de ferro, ficando esperada a republica para também fazer annos.

Faz annos, amanhã, ao romper da aurora, no mesmo lugar, serenando o chefe de *força* do partido conservador de Piracicaba Innocencio Xau-Xau, por prometter sempre mandar espancar os abolicionistas e não querer desenterrar um escravo sepultado na margem esquerda do Piracicaba e cujo escravo foi assassinado.

Tambem faz annos, em Piracicaba, Inho Luiz Gonzaga, por ter tratado *tão bem* um escravo velho que foi *absolvido* pelo jury de Piracicaba.

Faz annos, em Piracicaba, o dr. Aprodizio Vidigal, em companhia do carcereiro, assistindo á applicação de agoites que este dava em miseros escravos, para ganhar dois vintens por cada um, e aquelle por, com sua presença, dar toda a solemnidade ao acto, mostrando assim o que produz a academia de Pernambuco.

Faz annos, em quanto durar este jornal o João Albano de Serra Negra, por dar para sustento dos escravos, em vez de comida, bacalhau, tronco, pega, viramundo e outros generos dessa ordem.

SECÇÃO PARTICULAR

Piracicaba

(VER PARA CRER)

No dia 27 de Julho proximo passado, completaram 3 annos que foi creada a Sociedade Recreio do Piracicaba, pelos srs. Jeremias Jo.º Lopes de Siqueira, Antonio José de Almeida Rocha e Augusto Sáes; sendo a iniciativa do sr. Sáes, e não do barão do S.ão e padroiro mór, como elles se intitulam.

A verdade e a ingratidão.

Mogy das Cruzes, 22 de Julho 1887.

Sr. redactor.—Sem rasão ou motivo tenho sido maltratado em sua folha a *Redempção* da qual sou constante leitor e assignante

Apresentando-se v. s. como reformador do meio social do imperio com o fim de extinguir a escravidão que afeia na verdade o paiz, deve, sem duvida, combater aquelles que systematicamente pretendem crear embaraços á tendencia generosa de libertação, e não aos que a favorecem. Eu pertencço e sempre pertenci ao lado contrario á escravidão e, tendo tido alguns escravos, os fui alliviando do onus do captivo e actualmente convive em minha companhia uma ex-escrava minha de nome Josepha que tem de servir apenas até 1891 e sustento-lhe dois filhos ingenuos; outro ex-escravo meu fica liberto de todo em Dezembro do corrente anno, sendo que desde agora anda elle sobre si, ganhando a sua vida.

Ora, sr. redactor, nestes termos, v. s. é menos justo para commigo chamando sobre mim o odioso e o ridiculo em quasi todos os numeros da sua conceituada *folha*.

Espero que v. s. fará cessar essa inconveniencia e irregularidade, e que continuará a proffigar aquelles que o merecem por serem os sustentadores da escravidão que mancha a nação brasileira.

Com esta publicação muito obrigaria v. s. ao seu assignante.

GUILHERME DA SILVA PERDIGÃO.

ANNUNCIOS

GRANDE KERMESSE

Em beneficio do livro de ouro da academia

DOMINGO, 7 DE AGOSTO

NO JARDIM PUBLICO

Ao meio-dia em ponto será franqueado o jardim que estará rica e vistosamente adornado; de noite será o jardim illuminado com 20 fôcos de luz electrica. Depois da festa será queimado um lindo fogo de artificio.

A COMMISSÃO.

IMPERIAL LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Este importante estabelecimento, recebeu um variadissimo sortimento de calçados finos para homens, senhoras e crianças. Continúa a ser o unico depositario dos calçados **Clark & Comp.**; tem a melhor fabrica de calçados desta capital.

Imperial Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

PADARIA 7 DE SETEMBRO

DE

ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA

2, Rua da Imperatriz, 2

VENDE-SE FARINHA DE TRIGO POR ATACADO

seco hido sortimento de roscaas, biscoitos, superior chá Hysson e nacional, manteiga de diversas marcas, etc

Grande sortimento de molhados, como sejam: vinhos portuguezes e francezes, cervejas, licores finos, etc., os quaes se venderão por atacado.

S. PAULO

8

PROPAGANDA SEPARATISTA
SÃO PAULO INDEPENDENTE
POR
MARTIM FRANCISCO
500 RS.
Em todas as livrarias

THEATRO DO POVO
A NOIVA DE SESSENTA ANNO
COMEDIA EM 3 ACTOS
Vende-se á rua da Imperatriz, 31
CHALET, MASCOTTE

APOTHEOSE DO GENIO

CANTOS SOBRE O

SENADOR JOSÉ BONIFACIO

Esta obra em verso dedicada ao grande tribuno brasileiro, producto do dr. Henrique Marques de Carvalho, acha-se a venda nesta capital, nas livrarias Garraux, Azevedo, Escobar, G. P. Leão, Teixeira, Julio Martin e na redacção do *Liberal Paulista*.

Agente nesta capital Manoel Innocencio de Paula Simões.

Apylacurú

Um casal de escravos forros e que residem á rua da Consolação n. 72, apresentou ao pharmaceutico Escobar um filhinho de idade de 4 annos completamente tísico, para examinal-o. A criança até essa idade era surda e não andava por falta movimento: soffria de diarrhéa, suores frios, tosse, vomitava sangue, finalmente os pulmões estavam em verdadeira fusão. Sob a agonia que se achava a pobre criança, foi radicalmente curada com o **Apylacurú**. Hoje ella anda, ouve, falla e brinca. Foi uma grande conquista e triumpho obtido.

Ha mais de 300 seculos que a tuberculose tem feito milhões de victimas. O **Apylacurú** é um raio de esperanza que vem servir de consolo para a humanidade soffredora. Gloria a medicina indigena e ao **Apylacurú**.

Dopositos:

Drogaria Central

74-Rua de S. Bento-74

E

Pharmacia do Norte

BRAZ

(1)

7\$0000

Capas de lã modernas para o frio.

15\$0000

Capas de merinó preto, muito enfeitadas.

15\$0000

Waterproofs de lã, modernos:

25\$0000

Waterproofs de casemira em todas as côres e padrões.

30\$0000

Vestidos de zephir, feitos pelos ultimos figurinos

40\$0000

Vestidos de lã e merinós pretos ou de côres, enfeitados com rendas, vidrilhos etc., na grande officina de costuras e confecções

LA SAISON

Travessa do Grande Hotel, 2

A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de casemira franceza, forrada de seda la dernière mode, sobretudos de panno piloto, castor e diagona.

Cavours, ponches, polainas impermeáveis a 8\$000!! Anderson Abotti, fabricante em Londres



Chales mantas, colletes de malha, cobertores para viagem, lenços de seda e de lã e muitos outros artigos proprios para o frio.

Costumes á marieira e de casemira, sobretudos, camisas de meias, gravatas, collarinhos para crianças de 3 a 12 annos.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINO & COMP.